



**LAGOA  
DE ÓBIDOS**  
CENTRO DE INTERPRETAÇÃO

# AS VIAGENS À FOZ DO ARELHO

de Maximino Alves Martins

Este texto foi cedido pelo seu autor ao Centro de Interpretação da Lagoa de Óbidos, para fins de divulgação, e integra o livro "As Minhas Memórias" (2019), uma memória escrita da passagem de Maximino Alves Martins pela vida, por terras e locais, tradições e modos de vida.

PROMOTOR



PARCEIROS



FINANCIAMENTO



## AS VIAGENS À FOZ DO ARELHO

Maximino Alves Martins

maximinoalvesmartins@gmail.com

Recordo as viagens feitas em bateira do Arelho à Foz, para passarmos um Domingo na praia - nesse tempo só se ia à praia *quase por festa* e não mais que uma ou duas vezes no ano.

Juntavam-se duas ou três bateiras, que normalmente eram *tocadas* (movidias) por quatro homens em pares de dois ou três, que remavam para as locomover.

As mulheres e as crianças sentavam-se ou mais à ré ou em cima da proa, com os pés para o lado de dentro da bateira. Algumas das crianças sobre os estrados à popa e à proa e toda a gente *se acomodava* para poder chegar ao destino.

Os homens, muitas vezes iam a remar ao desafio com os das outras bateiras, para ver quem conseguia chegar primeiro. Com o esforço acabavam por suar bastante e iam de vez em quando *molhando a boca*, bebendo do garrafão de tinto (que era companhia habitual nessas viagens), sem retirar uma das mãos do remo para que os outros não ganhassem vantagem e assim iam refrescando as suas gargantas secas.

Recordo como durante a viagem (especialmente nós os mais pequenos), nos divertíamos com a passagem dos patos a voar, dos *galeirões* a mergulhar, das tainhas a saltar fora de água e como às vezes gritávamos de entusiasmo, quando uma delas saltando da água caía no fundo da bateira e desesperadamente tentava voltar para a Lagoa, estrebuchando por sobre os estrados, sentido a morte por perto.

A Lagoa tinha zonas muito profundas e as águas eram perfeitamente límpidas, recordo-me de ver na sua limpidez, o limo que vinha do fundo e que às vezes se entrelaçava nos nossos dedos mergulhados na água e vinha também dependurado nos remos, quando estes surgiam à superfície das águas, impelindo a bateira.

Chegados à Foz, e enquanto os homens bebiam *mais umas goladas* de tinto, nós os mais pequenos despíamos os calções de ganga ou de cotim e às vezes o resto das roupinhas, e corríamos nus pela praia ao desafio, ou chapinhávamos algo medrosos, nas margens da Lagoa, sempre debaixo do olhar atento das nossas mães e das constantes chamadas de atenção, para os perigos que se escondiam debaixo das calmas águas, ou nas fortes correntes existentes na Lagoa.

Às vezes tentávamos apanhar um ou outro caranguejo, chorando quando eles *nos ferravam* num dedito as *fortes tenazes*, e acompanhávamos as mulheres e um ou outro homem na apanha do berbigão, que depois ao jantar seria aberto em cima de uma tampa ou de uma chapa, sobre as brasas feitas com os troncos secos que se apanhavam nas margens da Lagoa.

Quando finalmente chegava a hora do jantar (era assim que ao tempo nas aldeias se chamava ao *almoço...*), estendiam-se as toalhas sobre a areia e sacava-se da comida de dentro das *cestas de vime* – o coelho guisado, a galinha frita, guisada ou assada no forno, umas postas de chicharro fritas, umas *petingas* fritas depois de passadas por farinha e ovo, às vezes enguias fritas, os pastéis de bacalhau e o pão de trigo ou de milho, cozido muitas vezes, nessa mesma madrugada.

Ainda também, não raro, uns *bolitos de noiva* e uma garrafita de *vinho abafado* ou de ginja, que obviamente não eram para as crianças, pois ao contrário de outras regiões do país, habitualmente não se permitia à criança, a ingestão de bebidas alcoólicas.

A refeição colocada sobre as brancas toalhas de algodão ou de linho, era partilhada normalmente em grupo, e depois partíamos a pé, direito ao mar que ficava *do outro lado* da praia e *era um desafio* para os nossos olhos, porque sentíamos ser muito perigoso *metermo-nos* com o mar. Recordo ainda como eu olhava com algum pavor as vagas que subiam chegando à praia, e caíam violentamente sobre o areal desfazendo-se em espuma, enquanto se espraiavam areia acima em alta velocidade e nós a fugirmos à sua frente com medo de nos molharmos, ou de sermos arrastados pela força da corrente assim formada.

Nesse tempo, as senhoras da aldeia não usavam fatos de banho, por isso puxavam ligeiramente as saias um pouco acima do joelho e faziam o mesmo que nós: fugiam das vagas e molhavam as saias.

Quando a tarde avançava e se aproximava a noite, aí vínhamos nós de regresso ao Arelho, alguns, acabávamos por dormir aos colos das nossas mães, devido ao extremo cansaço de um dia diferente passado na praia, ou então enrolados numa qualquer camisola, íamos dormindo sobre os estrados da bateira, enquanto outros ajoelhavam nos mesmos estrados e chapinhavam as mãozitas na água que corria veloz no sentido contrário ao da bateira, que era impulsionada pelos remos.

Às vezes um ou outro adulto, cantava uma cantiga popular ou um *fadito* à desgarrada e nisso o meu pai era exímio, enquanto iam molhando de vez em quando as gargantas no vinho que pudesse ter sobrado do consumo desse dia, para afinar as gargantas.

Assim se chegava novamente ao ancoradouro do *Juncalonco*, de onde depois partíamos rumo ao Arelho, nas burras que tinham ficado a pastar, e ficávamos a sonhar com uma nova viagem que um dia mais tarde ou mais cedo, acabaria sempre por acontecer...nem que fosse no ano seguinte.

## **SOBRE MAXIMINO ALVES MARTINS**

Maximino Martins nasceu no dia 2 de março de 1943, no Arelho, freguesia de Santa Maria do concelho de Óbidos.

Com 12 anos de idade ingressou no Seminário do Verbo Divino em Fátima e posteriormente no Seminário de Santarém, onde esteve por dois anos. Estudou na Escola Industrial e Comercial Rafael Bordalo Pinheiro, Caldas da Rainha, onde frequentou e terminou o Curso de Aperfeiçoamento do Comércio.

Foi funcionário da Direcção-Geral do Tesouro nos serviços locais, tendo trabalhado na Tesouraria da Fazenda Publica de Óbidos e de Alpiarça.

Foi ordenado Diácono da Igreja Católica pelo Cardeal Patriarca Dom José Policarpo, na Igreja do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, no dia 27 de junho de 2004, tendo sido colocado nas Paróquias do concelho de Óbidos.

**Conheça a ligação de Maximino Alves Martins à Lagoa de Óbidos em <https://memoriaparatodos.pt/portfolio/maximino-alves-martins/>**

## **SOBRE O PROJETO MEMÓRIAS DA LAGOA DE ÓBIDOS**

O projeto Memórias da Lagoa de Óbidos, enquadrado no programa Memória para Todos, foi promovido pelo Instituto de História Contemporânea / Centro República (NOVA FCSH) e pela associação KEEP, em parceria com o projeto “Centro de Interpretação para a Lagoa de Óbidos”, do Orçamento Participativo Portugal (OPP), que, durante a fase de levantamento de informação local, identificou saberes, modos de fazer, formas de expressão, lendas e episódios que marcaram a história da Lagoa de Óbidos e das suas gentes.

Este projeto contou com a colaboração das instituições e de todos os cidadãos que quiseram partilhar as suas memórias, fotografias, objetos e outros testemunhos da Lagoa de Óbidos que é património de todos nós.